Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Gazeta **Class.:** Kaxarari II

Data: 12/03/94 **Pg.:**

Madeireiro é vítima

Acusado de devastar, Itamar diz que Funai e Ibama estão preparando uma armadilha para deixá-lo na cadeia

Itamar: prisão e denúncias contra outros madeireiros

Preso na Polícia Federal, acusado de devastar cerca de 20% da reserva indígena Kaxararí, na Vila Extrema, para fazer a retirada ilegal de mogno, cedro e cerejeira, além de outras madeiras, o paranaense Itamar de Oliveira Penha, 36 anos, abriu ontem o jogo. Disse que a devastação da área, que começou há quatro anos, vem sendo feita por madeireiros de Rondônia. Também afirmou ser vítima de uma trama armada pela Funai e o Ibama para prejudicá-lo.

O madeireiro Itamar de Oliveira, que teve a prisão decretada pelo juiz federal Evandro dos Reis Reimão, dia 7 de fevereiro, revelou que foram grupos de Rondônia que abriram estradas dentro da área Kaxarari, para retirar o mogno. Depois disso, então é que os madeireiros da Extrema passaram a explorar o mogno. "Mas toda a madeira foi tirada com a autorização dos próprios índios", garante Itamar, quando diz que retirou apenas quatro carradas da madeira da reserva. Por cada carrada, segundo ele, pagou a quantia de CR$ 6 mil. Itamar explicou, também, que o mogno que comprou perfaz um total de apenas 72 metros cúbicos.

— Não invadi a reserva, como estão me acusando. Só entrei lá com a autorização dos índios, defende-se Itamar de Oliveira, quando informa ter sido o índio José César, um dos caciques Kaxarari, quem lhe propôs a venda da madeira. Segundo o madeireiro, o índio disse que precisava vender alguns metros de mogno para comprar alimentos e remédios. "Ele me garantiu que estava passando fome", frisou Itamar, acrescentando que foi em função disso que decidiu pela compra da madeira.

Itamar revelou, também, que os índios da reserva kaxarari saem da aldeia, muitas vezes até acometidos pela malária, e vão até a vila Extrema para negociar mogno, cedro, cerejeira e outras madeiras nobres. "Como não sabíamos que era proibido comprar, nós fechamos negócio com os índios", lembra o madeireiro, quando garante que se soubesse que poderia ser preso pela Polícia Federal não teria comprado sequer um centímetro de madeira. O madeireiro garantiu, também, que em momento algum entrou com tratores, motosserras ou outros equipamentos para retirar o mogno da área Kaxarari. "A madeira que comprei foi tirada pelos próprios índios. E foi isso que falei no meu depoimento à Polícia Federal", enfatizou. Itamar se diz humilhado devido à prisão. Disse que essa é a primeira vez que se envolve com a Polícia.

O madeireiro foi acusado, por agricultores que moram próximo à reserva Kaxarari, de ter feito ameaças de morte a vários deles, chegando ao ponto de dar um prazo para que abandonasse a área. Quando questionado sobre a denúncia, Itamar de Oliveira foi taxativo: Isto é calúnia. Moro há oito anos na Vila Extrema e não tenho inimigos". Para ele, esse tipo de denúncia só vem a comprovar que há um complô muito grande contra a sua pessoa, armado inclusive com o apoio da Funai e do Ibama. Itamar disse que desafia a provar que fez ameaças a agricultores.

Segundo uma fonte da PF, Itamar está falando a verdade. Ou seja, comprovou que não é o responsável pela devastação da reserva Kaxarari. Apesar disso, o madeireiro vai passar cinco dias preso na Polícia Federal por determinação do juiz Evandro Reimão.